

cultura

A MULHER CHINESA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

*Ana Cristina Alves**

1. ENQUADRAMENTO

A mulher chinesa, tem, por tradição, um lugar apagado na sociedade chinesa. Ela é o elemento Yin, escuro, noctívago, recolhido. O seu brilho lunar, a exercer-se, deve ser discreto e confinar-se aos aposentos interiores da casa. Ela é dominada por um poder patriarcal que abarca todas as esferas do seu mundo. Obedece a um poder político masculino, submete-se a um poder familiar da linha do marido, verga-se a um poder religioso também ele dominado por figuras burocráticas e masculinas que decalcam a organização política e social mundana. Claro que há deusas femininas como A-Ma e Kum Lam, mas que têm um poder perfeitamente limitado e definido no mundo dos homens. Elas, com todos os seus sentimentos protectores e misericordiosos, apenas actuam ao nível da esfera familiar. Para a comunidade e para os voos profissionais e da realização pessoal, é necessário apelar a outros deuses, como o da Literatura, o da Riqueza, o da Longevidade, o da Prosperidade, que atendem preces, apenas quando estas são dirigidas em formulários burocráticos e culturais, tradicionalmente associados à criatividade tipicamente masculina.

À mulher, por costume, está-lhe vedada a educação, que lhe permitiria participar activamente na sociedade que a rodeia. Ou melhor, são-lhe fornecidos os instrumentos mínimos para que possa compreender os clássicos, feitos à sua medida e, também, para que possa enfeitar, senti-mental e artisticamente, a sociedade em que está inserida. Ela é, antes de mais, um objecto de adorno, por isso, se pertencer à nobreza, sabe músi-

* Licenciada e Mestre em Filosofia. Técnica Superior do Ministério da Educação Português, actualmente a leccionar no Instituto Politécnico de Macau.

ca, caligrafia e poesia. Os livros que lhe chegam são cuidadosamente escolhidos. Tem acesso a obras consideradas exemplares, sobretudo às da Escola de Confúcio, como **O Clássico da Piedade Filial** ou o **Livros dos Ritos**, que a educam segundo os mais acarinhados princípios da submissão. Além disso, tem acesso a uma série de admoestações, analectos femininos e biografias de mulheres e deusas, que se distinguiram nas virtudes da bondade, abnegação e misericórdia. Assim, fora os clássicos, lê ou lêem-lhe histórias de comportamentos femininos exemplares, como *Niu Chieh* ou Admonições para Mulheres, redigidas por Pan Chao da Dinastia Han e *Lieh Nu Chuan*, ou Biografias de Mulheres-modelo, de Liu Hsiang, ou *Nu Lun-Yu*, numa tradução à letra *Analectos para Rapari-gas*, elaborado na dinastia Tang e, ainda, *Nei Hsun*, **Instruções para os aposentos interiores**, que apareceu no início da dinastia Ming.

A mensagem dominante para as mulheres até finais do século XIX é a que Feng-Meng Lung (1574-1646), o editor responsável por grande parte da ficção vernacular, resume no célebre aforisma: "Só é talentoso o homem virtuoso, só é virtuosa a mulher que não tem talento".

Está bem patente na mitologia a modelação do comportamento feminino. A mulher assume papéis sociais definidos e deve, por isso, desde muito cedo, enquadrar-se nos tipos mitológicos mais usuais:

Ela pode ser a mãe modelar à maneira de **Nu Gua, a deusa criadora**, meia serpente, meia humana, que terá *criado, numas versões os seres humanos sozinha*, noutras, com a ajuda do Primeiro imperador, Fuxi, seu marido ou, talvez, irmão. Mas ela só é, de facto, modelar se optar por ser *A dona de casa exemplar*, tal como Nu Gua se revelou, ao pacificar toda a desordem provocada pelos elementos masculinos da sua família, como nos descreve o mito **Nu Gua remenda o firmamento**.

Uma variante da criadora e dona de casa exemplar é a da esposa amante, tipificada em Nujiao, mulher do lendário imperador Yu, o Gran-de, fundador da dinastia dos Xia. O imperador, devotando um amor extremo à pátria esteve 13 anos ausente de casa, a fim de colocar em ordem o país. Ora a Penélope chinesa tudo suportou e dedicou ao marido o primeiro poema de amor de que há memória: *Ó homem que eu espero, saberás tu que o tempo é longo...*¹

Um outro tipo consentido é o da *trabalhadora modelo*, que comete um grave delito se pensar, por exemplo, em amar, como nos explica o

¹Charles Meyer: **La femme Chinoise. 4000 ans au Pouvoir**, Lattes, 1986.

mito do **Vaqueiro e da Tecedeira**. Recordemo-lo: a Tecedeira é filha do imperador celestial. Trabalha, noite e dia, para bordar as vestes de toda a corte do seu pai. Mas, como vive numa prisão laborai, o palácio da família, onde tece as nuvens do céu, aproveita, uma visita à terra e um encontro auspicioso com um vaqueiro, para escapar. Tem dois filhos e vive feliz por algum tempo, até que é novamente chamada aos seus deveres de mulher laborai. Separada da sua família terrestre, vê-se obrigada a cumprir o seu destino.

Um outro tipo aceite, normalmente personificado em concubinas, é o da *mulher objecto*, ou melhor, o da bela. Também os deuses casam e vivem, em sistema de concubinação, na melhor das harmonias. Exemplo disso é o relato das **Damas de Xiang**. Estas princesas da água, de uma beleza inexcelável, são concedidas ao Imperador Shun para o satisfazerem até à morte. O que, de facto, acaba por suceder.

Seguem-se vários tipos que funcionam como avisos de comportamentos femininos a evitar:

A mulher desobediente. A deusa da Lua, que no fundo traduz o que os chineses julgam ser a essência feminina, é o tipo da mulher rebelde e é castigada pelo seu comportamento negativo, no mito: **Chang E voa para a Lua**.

A mulher fatal, papel normalmente atribuído a concubinas, favoritas de imperadores míticos, que com a sua imensa beleza, e ainda maiores caprichos, provocam a queda destes e as maiores perturbações na ordem social. Casos clássicos de figuras mitológicas seduzidas por esta "perigosa fauna" são: Zouxin, o 30.º imperador Shang, que para satisfazer a bela concubina Daji infligia torturas de indescritível malvadez aos que caíam em desgraça, e o Imperador You, da dinastia Zhou, que por causa de o sorriso de uma concubina, Baosi, perdeu o seu reino, arruinando a dinastia.

A estranha. Há deusas e figuras míticas estranhas. Estas têm uma fisionomia diferente, habitualmente são estrangeiras e, por isso, revelam comportamentos dúbios ou, até, incompreensíveis. Representam, tal como a mulher fatal ou a desobediente, tipos a evitar. **A Rainha Mãe do Oeste**, Xi Wang Mu é uma das figuras duplas mais conhecidas. Ela é feminina e masculina. Assim, tão depressa a vemos curar, distribuindo elixires da imortalidade, como fez com o arqueiro Hou Yi, como a apanhamos a punir as gentes, espalhando pragas um pouco por toda a parte. Outras

estranhas famosas são as figuras mitológicas que pertencem ao Povo das Mulheres. Elas não são chinesas. Caracterizam-se por ser altas e claras, ter o corpo coberto de pêlos e muito medo dos homens descendentes do dragão. Além disso, são uma espécie de amazonas, cujos bebês masculinos não passam dos 3 anos de idade.

Uma variante deste tipo são as *mulheres guerreiras*, que se mascaram literalmente de homens para poder agir num universo masculino. Ao nível humano, elas são guerreiras, como Mu-lan ou, mais recentemente, Qiu Qing; amantes, como as do belíssimo conto, os amantes-borboleta; ou mercadoras, que, transformadas em homens, procuram defender a fortuna e actividades familiares.

Comecei por abordar os tipos femininos descritos na mitologia, porque creio que atravessam toda a China clássica e continuam vivos, ainda, na literatura contemporânea chinesa, macaense e até portuguesa, que elege para protagonistas as mulheres chinesas. Num segundo momento, o mundo da literatura contemporânea servir-me-á de campo de reflexão para apreender o estatuto da mulher chinesa actual. Baseei-me em escritores e, sobretudo escritoras, chinesas, macaenses e portuguesas para apresentar o que julgo ser as principais tendências comportamentais da mulher contemporânea, que transporta consigo, como não podia deixar de ser, muito do seu passado. Por isso, passo a apresentar as figuras do passado na literatura contemporânea para posteriormente me dedicar às actuais. À laia de conclusão, entrego-me à futurologia, feita de muitos desejos e esperanças, como a melhor do seu género.

2. FIGURAS DO PASSADO

A literatura chinesa, macaense e portuguesa que se faz na China e em Macau, sobretudo a que sai da mão de escritoras como Deolinda da Conceição, Maria Pacheco Borges e Ondina Braga e de escritores como Senna Fernandes, está povoada de figuras femininas do passado, mas que continuam a existir no presente. Sem esquecer os tipos fornecidos pela mitologia clássica, opto agora por os reclassificar em relação à sua posição espacial. Antigamente, encontrávamos as mulheres principalmente em casa, mas estas também podiam ser encaradas como pertencendo à rua ou, ainda, ao mundo.

As mulheres de casa.

As mulheres de casa são figuras do passado, por excelência. Elas são as esposas, ou primeiras mulheres, as matriarcas, as avós poderosas, as

verdadeiras mães de família, pilares de muita força, capazes de sustentar numerosas proles. São, também, certas meninas compradas em pequenas para futuros casamentos, são as mulheres de pés atados, as flores de lótus, as viúvas-noivas e as viúvas suicidas. Não são belas, não são fatais, têm normalmente fortes qualidades morais e, quase sempre, aparecem descritas como figuras altamente abnegadas.

Entre as *viúvas-noivas* recordemos, de Maria Pacheco Borges, o **Conto A Viúva-Noiva**, em que Sai-si, a protagonista a quem faleceu o noivo, se vê forçada a uma existência meio irreal, permanecendo em casa dos sogros até ao resto dos seus dias, enlaçada a um defunto.

As esposas entram nas casas dos maridos, onde, por longo tempo, permanecem ofuscadas, tanto pelos maridos, como, sobretudo, pelas mães destes. As matriarcas, umas vezes, são descritas como seres que exercitam o seu poder, com verdadeiros requintes de malvadez, mas outras, são retratadas como mulheres de uma força admirável, avós que são o verdadeiro coração da família, como nos relata Ondina Braga, por exemplo no seu conto **A Morta**. Este é a estória de uma mulher com força de leão, que enviuvou de repente e conseguiu, ainda assim, criar dez filhos, outros tantos netos e ser um exemplo para a sua comunidade.

A mulher de casa é, no passado, a figura suicida por excelência. Ela é a filha devotada e dilacerada entre o amor e obediência filiais, que a obrigam a uma submissão cega aos desejos paternos e o seu sentimento pessoal, que independentemente da sua vontade, lhe dita a escolha do par. Ora, como por tradição chinesa, o amor é sentimento ausente dos casamentos, traçados a pensar na conveniência de interesses das famílias e até das comunidades, as meninas solteiras acabavam, algumas vezes por se suicidar para fugir ao estigma da desobediência, como nos relata Deolinda da Conceição em **A Vingança de A-lin** e no **O refúgio da Saudade**.

As mulheres de rua

Entre as mulheres de rua são figuras típicas as concubinas. Estas são trazidas, tantas vezes, contra a vontade expressa da esposa, para o mundo da casa. Normalmente são belas ou até fatais, ou, pelo menos, assim as consideram os maridos embeijados. O suicídio também não era estranho entre jovens reservadas a concubinas que almejavam um futuro mais alto, ou cuja pureza de sentimentos em relação aos entes amados, não lhes permitia aceitar como natural a situação de segundo plano a que

estavam reservadas, tal como nos conta Deolinda da Conceição em **O anel de Jade**. As concubinas pertencem decisivamente a um mundo feminino chinês do passado, como bem apreendeu ainda a referida escritora na sua estória **Conflito de sentimentos**. As mulheres actuais, cada vez mais educadas, têm tendência a não permitir esses luxos estéticos aos maridos. As concubinas, em muitos dos contos, aparecem até como fonte de grande prejuízo monetário, chegando mesmo a arruinar as casas que as recebem.

Entre as mulheres da rua, encontram-se as abandonadas. Estas, deixadas pelos maridos ou pela sorte, ficam, habitualmente, com os filhos, à mercê de uma sociedade pouco dada a dádivas, por muito acostumada à pobreza. Recordo tristes relatos de Deolinda da Conceição sobre este tema, como **Arroz e lágrimas e Aquela mulher**. Ontem, as mulheres formavam a grande maioria das famílias monoparentais, eram, por isso, mais afectadas pela pobreza, já que tinham de encontrar sustento para os filhos, sem que tivessem recebido educação, ou, simplesmente, os instrumentos necessários que as tornassem membros activos da sociedade em que se inseriam.

As mulheres do mundo, com ou sem marido, eram aquelas que estavam, de algum modo, em contacto com a sociedade que as rodeava. Viviam comprometidas com o mundo do *trabalho*, da *arte* e, até, do *estrangeiro*. Pode-se, ainda, incluir neste grupo as mulheres comerciadas, as famosas mui tchai, como as chamavam em Macau.

Embora no passado, houvesse poucas mulheres a trabalhar fora de casa, acabávamos por encontrar algumas, sobretudo entre as classes mais desfavorecidas, tanto no campo como na cidade. A partir do século XIX, com o desenvolvimento das indústrias na China, começaram a surgir as operárias. Estas, embora fossem economicamente independentes, mantinham uma postura familiar perfeitamente tradicional. Quando casavam, contribuía para o sustento do marido e da sua família; se permaneciam solteiras, eram o ganha pão da sua família de berço. Assim, mesmo independentes financeiramente, nunca chegavam a sê-lo afectivamente. Um bom exemplo do que fica dito é o conto de Maria Pacheco Borges, a **Mulher Pequena**. Este é a estória de Mei-Mei, uma linda operária, cobiçada pelo capataz. Quando tudo indicava o caminho de um desenlace feliz, a futura sogra opõe-se ao casamento, o que acaba por conduzir à morte do filho, que deixa, assim, a mãe desamparada. É então

que Mei-Mei, assumindo o seu papel de noiva-viúva, perdoa à mãe do rapaz e a convida a ir viver com ela, a fim de poder prover ao seu sustento. Quanto às artistas, as mulheres sentimentais por excelência, eram, na grande maioria dos casos, e se não pertencessem a famílias nobres, aproveitadas pela sociedade, para a prostituição. Em Macau, antigamente, como tão bem descreve Senna Fernandes, eram, por exemplo as famosas cantadeiras da Rua da Felicidade.

Entre as mulheres do mundo encontramos aquelas chinesas que se misturavam com estranhos, ou melhor, com estrangeiros.

Estas nem sempre tinham o melhor dos destinos, sobretudo se fossem pobres. Aqui em Macau acabavam, muitas vezes, abandonadas pelos seus pares de além-mar. Não morriam à fome, porque eram trabalhadoras. Recordo sobre o tema, o conto de Senna Fernandes **A-Chan, a Tancareira**. A-Chan apaixonou-se por um marujo português, que uma vez concluída a comissão, devia regressar a Portugal. Deu-lhe uma filha, que o homem não queria deixar com a mãe na hora do regresso, pois temia pelo futuro, cheio de privações e fome que a pequenina teria de enfrentar no tancar. A-Chan tudo perdoa e consente, acabando sozinha, com uma dor de alma indescritível.

Por fim, temos as *mui-tchai* as meninas compradas no campo, a pais que as trocavam por um pedaço de pão. Estas, reduzidas à situação de escravas de trabalho, sobretudo quando iam para casas nobres ou ricas, acabavam por ter o duplo estatuto de empregadas e concubinas. Muitas aguentavam mal o destino mundano que lhes estava reservado e morriam cedo, tal como sucede no conto de Deolinda da Conceição **O Sonho da Cuai Mui**. Os pais, camponeses muito pobres, tinham-na vendido a uma mulher rica, na sequência de uma inundação, onde haviam perdido todos os seus bens. A mulher transformou-a em empregada. Cuai Mui passava os dias a carregar água da fonte e lenha do mato. Voltou a ser vendida aos 14 anos, a uma mulher muito pior do que a primeira. Fugiu e foi recolhida por um pequeno comerciante que a fez sua concubina. As outras mulheres odiavam-na e, entretanto, o marido morreu. Ficou grávida, enviuvou e deu à luz uma linda menina. Empregou-se numa fábrica para conseguir sustentar a filha. A pequenita cresceu e ela tuberculizou. Acabou por morrer no hospital, com um sorriso de esperança pelo futuro da filha. Também para as mulheres do mundo a vida não era particularmente animada: trabalhavam duramente, eram usadas, tais como as outras como objectos de prazer, e, as que não constituíam família, ou, que

por qualquer motivo se viam privadas dela, acabavam por morrer na maior das solidões.

3. FIGURAS FEMININAS DO PRESENTE

A partir dos finais do século XIX, sob a influência das várias igrejas cristãs, e, especialmente dos missionários protestantes, os intelectuais chineses começaram a despertar para a necessidade de repensar o estatuto da mulher na sociedade chinesa. Com a implementação da república, a luta pela emancipação da mulher é assumida pelo poder político. São fabricadas leis expressamente a pensar nas mulheres, como as do casamento e das partilhas, que, no entanto, na grande maioria dos casos, não passam do papel. Nunca chegam ao campo e nas cidades abrangem apenas os centros mais desenvolvidos, onde a influência ocidental se faz sentir com mais força.

O movimento feminista inicial, que nasceu, como referi, por forte influência ocidental, desde cedo começou também a evidenciar características chinesas. Assim, a libertação das mulheres, desenvolveu-se, por um lado, seguindo os padrões ocidentais, que valorizavam sobretudo a educação e a aquisição de direitos cívicos e económicos para as mulheres, por outro deu origem a tentativas de libertação de contornos mais revolucionários e nacionalistas. Para muitas feministas chinesas, a emancipação da mulher só faria sentido se fosse integrada no movimento mais vasto de libertação do país, leia-se das influências, quer dinásticas, quer estrangeiras. Esta segunda vertente do movimento feminista acabou por se integrar no partido comunista chinês. As mulheres, desde 1949, na nova China revolucionária, passaram, de facto, a ocupar metade do Céu, para tal deviam corresponder ao que a nova ideologia pedia delas: deviam libertar-se, sobretudo economicamente. Passariam a ser as forças produtivas modelares da China vermelha. A mulher chinesa do mundo é agora figura de algum peso, sobretudo, nas cidades. Masculiniza-se, endurece e tem tendência a isolar-se, numa reacção, por ventura natural, a um passado cheio de sofrimento e dor. No campo, porém, a sua situação não melhora grandemente, sobrecarregada e dividida entre as tarefas caseiras e laborais, continua a encontrar no suicídio uma resposta confortante para os males que a afligem.

Nesta secção recorro essencialmente à literatura feminina chinesa de Macau e da China Continental, a fim prosseguir com o estudo do estatuto da mulher chinesa na sociedade contemporânea. E como o passado

se prolonga em muitos dos comportamentos presentes, continuo a manter a classificação avançada para as figuras femininas do passado. A maior diferença que pude observar entre as figuras antigas e as do presente não foi a introdução de novos tipos, que já tinham sido traçados, recordemos, pela mitologia, mas a inversão da ordem de prioridades em relação aos mesmos. Hoje é tipo principal a mulher do mundo, depois encontramos a mulher da casa e, por fim, numa situação cada vez mais apagada, a da rua.

A mulher do mundo. As mulheres do mundo continuam a ser as profissionais, as artistas, em suma as que se dedicam a actividades ligadas ao exterior. Não param de aumentar. Uma das escritoras chinesas de Macau, Seng Seong Ching no seu conto **O que pensam eles das mulheres** faz uma análise muito completa da imagem feminina, que a sociedade actual chinesa, leia-se ainda fortemente patriarcal, aceita e deseja. A mulher, no presente, deve ser, por ordem de prioridades decrescente: inteligente, com sentido de humor, independente, porque os homens não gostam de mulheres choramingas, bela, ou melhor saudável, já que o padrão de beleza foi redefinido em termos higiénicos, e ter confiança em si própria. Logo em Macau, cidade que nada tem a ver com o campo profundo, espera-se que a mulher seja educada, viva, independente, saudável e segura. O que não deixa de ser interessante e pode até provocar alguns conflitos é o facto da mulher dever ter todos estes requisitos de modernidade, sem olvidar que, como nos adverte a escritora em **Surpresas da idade**: "A chuva tem de continuar a cair sobre a terra, a mulher tem que entrar para a família do marido, a pessoa tem que ir envelhecendo, é assim e não há nada a fazer"²

Ainda a mesma autora em **Carta a uma Filha** faz dizer à mãe moderna e modelar, que o maior bem de uma menina é a sua educação, pois mais importante do que a beleza exterior, é a interior. Uma artista, ou qualquer outra mulher que procure apenas tirar partido dos seus atributos físicos, será reprovada. Faz parte do passado. A bela, o objecto de prazer, lembra às mulheres chinesas a sua luta contra o sistema de concubinação, numa época em que não tinham força social e económica para impor à família a sua voz, por isso cooperavam com o que muito lhes desagradava. Hoje, pululam contos como o de Lam Chong Ieng,

² **Sete Estrelas de Macau. Antologia de Prosas femininas**, p. 69

que em **O Peito de Yip Ji May**, crítica a artista pelo facto de utilizar o seu peito para subir no meio do cinema. A mulher actual prescinde des-ses estratégias.

As mulheres divorciadas que vão surgindo na nova China, passam automaticamente à categoria de mulheres do mundo. Assumem-se sobretudo como profissionais. Ocupam lugares de destaque em empresas públicas e privadas. São extremamente sérias e responsáveis nos seus trabalhos, acabando, frequentemente, por ser ridicularizadas pela falta de flexibilidade que ostentam, em relação a posturas e regras comporta-mentais. Elas são as guerreiras do passado, as figuras duplas, que assumem vestes masculinas para sobreviver em postos habitualmente reservados a homens. São descritas como potenciais chefes de família monoparentais, onde a educação dos filhos é relegada para segundo plano, acabando estes por fracassar, invariavelmente, nos estudos. Tal é o panorama que contos como **Não foi por coincidência** da escritora Zhang Xin nos oferecem.

A mulher de casa. A mulher contemporânea é vista essencialmente como uma figura do mundo do trabalho, uma carreirista solitária, que aprendeu a controlar os seus impulsos amorosos, como nos comunica Ding Lou no seu conto, intitulado **A Mulher actual**. Ela quer deixar de ser a geradora e educadora dos filhos, quer libertar-se dos seus papéis tradicionais, por isso cada vez mais se dedica à carreira e aos interesses pessoais. "A mulher actual pertence à aristocracia dos solteiros (...) está a ajudar a aliviar a inflação populacional"³. No entanto, ainda há aquelas que procuram conciliar a profissão e a família. Entre estas são particularmente infelizes as que, agarradas ao modo de ser tradicional, tudo fazem para manter as suas famílias convencionais, mesmo contra a vontade expressa dos maridos. Essas acabam por cometer grandes violências psíquicas sobre si mesmas e os que as rodeiam, como tão bem nos mostra a escritora Lu Xing'er na estória **Debaixo do mesmo tecto**⁴.

A mulher de casa vive em situação de alto perigo nos novos tempos. Incapaz de pactuar com sistema matrimonial do passado, vê-se muitas vezes sujeita a todo o tipo de pressões psíquicas e físicas por parte do seu marido. Por sua vez, também convive mal com as alternativas de mu-

³ Ob. Cit, pp. 162-163.

⁴ **Six Contemporary Chinese Women Writers.**

dança, tipo divórcio, que a nova sociedade lhe apresenta, de modo que acaba por optar, cada vez mais, pelo celibato, uma vez que passou a ser o seu próprio ganha pão. Por isso, a mulher solteira, dantes sempre em risco de suicídio, começa a não pertencer à casa para se assumir como uma figura do mundo.

Hoje, as mulheres casadas, mesmo quando estão apenas em casa, e confinadas a um ambiente rural, querem receber os ventos culturais dos novos tempos. Desejam ser educadas e, por isso, vivem com os olhos postos nas obras do mundo dos que têm acesso ao saber. Tal é a conclusão que se pode retirar de contos como **A mulher grávida e a vaca** de Tie Ning. Esta tem um casamento feliz, é bem tratada por toda a família do marido, identifica-se com a natureza, tem até uma vaca como grande amiga, mas o seu sonho é poder compreender os caracteres chineses, que a rodeiam.

As viúvas suicidas e as noivas-viúvas estão hoje em vias de extinção. Deixou de se ouvir falar de viúvas suicidas, pois estas já têm a sua independência e ganha pão e quanto às viúvas-noivas passou, também, a haver maior esperança para elas, porque as mentalidades estão já mais abertas, como nos relata Deolinda da Conceição em **O Novo Ano de Cam Mui**.

As mulheres da rua. No presente, vêm-se menos mulheres abandonadas nas ruas, com os filhos pela mão tanto em Macau, como na China. A pobreza e o abandono parecem ter sido transferidos para os mais velhos, o que não é de espantar, dado o aumento de famílias nucleares, sobretudo nas cidades chinesas. Nas ruas de Macau também deparamos com muitos pedintes idosos. As mulheres abandonadas, por um lado, gozam de um maior apoio das estruturas estatais, por outro, defendem-se através do trabalho, ainda que, frequentemente, tenham que conti-nuar a lutar pela equiparação salarial.

Quanto às concubinas, ou às potenciais aspirantes, dispensam cada vez mais a "tigela de ferro" dos homens ricos ou, simplesmente com posses, nem que para isso tenham de abafar os seus sentimentos, como nos narra Deolinda da Conceição em **O Romance de Sam Lei**. A guerra contra o Japão roubou os pais à heroína. Esta é deixada no mundo praticamente analfabeta. Conhece um letrado muito mais velho, que se embeíça por ela. Acontece que o senhor era casado e pediu-lhe, porque tinha um matrimónio feliz, para aceitar a situação de concubina clandestina. A rapariga rejeita e acaba por vir a casar, mais tarde, com um comerciante

endinheirado, tendo-se feito uma verdadeira mulher com a troca, segundo conclui a autora. Assim, os casos de jovens que recusam o estatuto de concubinas sucedem-se na literatura contemporânea chinesa. Há, além da saída clássica da menina solteira que se suicida, como no conto da mesma escritora intitulado **O Anel de Jade**, novas alternativas que parecem agradar bem mais à actual geração feminina. Algumas optam por continuar solitárias e escudam-se no trabalho, que passa a ser, não só sustento económico, como espiritual. Preferem estar sós, andar de cabeça erguida e não estragar a vida a ninguém, nem mesmo a si próprias. Recorde-se a título de exemplo, a **Raposódia das Dançarinas Desper-tas** de Ye Mei, em que uma das figuras femininas centrais, A Lotus de Jade, pertencendo à velha casta aristocrática se enfeitiça por um pescador, de quem se escova após uma série de peripécias, entre o cómico e o trágico, para liberta se entregar devotamente ao trabalho.

4. CONCLUSÃO: UM POUCO DE FUTUROLOGIA

Um dos contos que li mais admirável intitula-se **Regresso à Vida Secular** e é de Fan Xiaoqing. É a história de uma abadessa, Huiwen, que perde o seu posto em 1950, após a conquista do poder pela nova ordem política. Mais tarde, o convento é reaberto, recuperado e a abadessa tam-bém. Mas a figura, a meu ver, mais interessante é uma rapariga chamada Xu Meifang, que muito nova consegue um lugar de destaque na comunidade a que pertence. Ela assume o cargo de *directora do comité da vizi-nhança*. Este, como nos explica a escritora, eleva-a à categoria de ministro da comunidade. Assim, ela passa a estar encarregada dos assuntos económicos, administrativos, pessoais, culturais, educacionais, da segurança social e do planeamento familiar dos vizinhos. Muita gente se espanta como é que uma rapariga tão nova e com uma maneira de ser tão pouco convencional consegue um lugar de tanto relevo. Mas a verdade, é que ela, apesar de surpreender tudo e todos com as suas saídas pouco estereotipadas, continua à frente dos destinos da pequena comunidade e quando chega a hora de tomar decisões sérias, que passam normalmente pela condenação de pessoas, opta sempre por dar uma segunda oportunidade aos prevaricadores. Revela-se, assim, apesar da sua juventude, uma mulher com coração, e que não tem medo de o mostrar. Não precisa de se esconder atrás de uma linguagem burocrática, nem tão pouco necessita de assumir poses rígidas, marciais e mais masculinas do que as dos próprios homens, só porque está num lugar de destaque. Ela é, segundo

creio, o melhor exemplo do que pode vir ser a chinesa do futuro, comprometida social e profissionalmente, sem receio de revelar a sua natureza instintiva e sentimental. Xu Meifang, por enquanto ainda não consegue arranjar par. É muito pouco formal e, por isso, irrita os homens. Mas ela assume-se solteira e não tem medo da solidão. Acredito, também, que a mulher contemporânea chinesa apenas optará por continuar sozi-nha, enquanto não encontrar interlocutores verdadeiramente capazes de a entender.

Mas estou convencida que no dia em que ela puder expandir livremente as suas ideias e sentimentos, assumindo-se no seu modo mais informal e despida de roupagens masculinas, sem ter de pagar elevado preço pela sua naturalidade, vai voltar a contribuir, com a devoção e a abnegação que a tem caracterizado ao longo dos séculos, para o aumento demográfico, e se necessário for, contra todas as autoridades. Ora a China só terá a ganhar se incentivar a chegada de naturezas verdadeiramente femininas ao poder. Ganhará em desburocratização, em espontaneidade social e, até, numa expansão extraordinária de sentimentos, porque não esqueçamos, que o amor, a misericórdia, o perdão, a generosidade e todos esses afectos tão enaltecidos no mundo da cultura, têm entrado na sociedade chinesa, e não só, pela mão de protagonistas femininas, como tão bem evidenciam a mitologia e literaturas dos descendentes do Dragão.

BIBLIOGRAFIA:

- Borges, Maria Pacheco: **Chinesinha**: Instituto Cultural de Macau, Instituto Português do Oriente, 1995
- Braga, Maria Ondina: **A China Fica ao Lado**, Instituto Cultural de Macau, 1991
- Conceição, Deolinda da: **Cheong-Sam**, Instituto Cultural de Macau, Instituto Português do Oriente, 1995
- Fernandes, Henrique de Senna: **Contos de Macau**, Instituto Cultural de Macau, 1997
- Meyer, Charles: **La Femme Chinoise, 4000 ans au Pouvoir**, Lattes, 1986
- Sete Estrelas de Macau. Antologia de Prosas Femininas.** Trad. De Maria Trigo, Apresentação de Tong Mui Siu, Instituto Cultural de Macau, 1998
- Six Contemporary Chinese Women Writers**, Chinese Literature Press, 1995
- Women in Chinese Society** edited by Margery Wolf and Roxane Witke, Stanford University Press, 1975